

CHUVAS E TROVOADAS

Vino era taxista no Meio.

Sim, tinha taxi lá: um só, um Citroen preto dos anos 50, sempre conservado. Mas quase nunca tinha passageiro, tal a pasmaceira do vilarejo. Vino – Divino ou Silvino, nunca soubemos! - vivia mesmo era de vender os docinhos que a mulher fazia: pé-de-moleque tinha o ano todo, pamonha e curau no tempo de milho verde e compotas de pêssego, goiaba, cidra, até de figo, tinha doce de caju, de moranga, cocada, geléia de mocotó e jabuticaba. Era craque, a comadre Artemísia. Fazia picolé de groselha também, que a molecada chupava com gula, tingindo a língua de vermelho.

O Vino ficava ali, vendendo docinho no portão da casa dele, que dava de frente para a única pracinha da vila, ximbica na garagem de onde saía, tinindo de brilho, quando havia alguém chamando. Em geral era para ir ao médico ou para a estação da cidade maior que ficava a uns 50 km do Meio. Estrada de terra, poeirenta na seca, barro grudento na época da chuvarada. Aliás, nesta estação o Vino detestava fazer corrida, porque era a coisa mais comum encalhar, e levar um tempão cavando em volta das rodas atoladas, calçando com paus e pedras, até conseguir sair. E encalhar de novo 500 metros à frente.

Mas era um baixinho simpático, carequinha, conversador e, como ficava ali na praça o tempo todo, sabia de tudo o que se passava, com todo mundo. Por isso, sempre tinha uma palavra especial para cada pessoa, agradava a todos com seu sorriso e sua prestatividade. Acabou vereador...

Dele contavam histórias maravilhosas.

Certa feita, seu Cunha da farmácia precisou fazer uma viagem para a capital atrás de umas receitas de remédios novos, e foi tomar o trem na cidade. Chovia a cântaros, e o Vino refugou o que pode, até não ter mais jeito, e levou o freguês. Mas foi reclamando e prevendo mil pepinos. De fato, a estrada era uma lama só, nem a pé dava para passar tranquilo. Num certo trecho onde havia uma descida seguida de uma subidona, dois caminhões estavam encalhados, deixando a estrada quase toda sem passagem. Por sorte, havia um boteco ali no meio do nada, e o Vino parou para pedir indicação de algum desvio: "vou saber qual carreador destes sítios aqui perto que a gente ainda consegue passar". E lá foi correndo para o barzinho, deixando o cliente no carro, chuva que Deus mandava...

Demorou uns 10 minutos, voltou correndo, entrou no carro, esfregou as mãos e deu partida.

- "E aí, Vino, achou algum caminho?"

- "Não, caminho tem não, mas tomei uma pinga forte, fiquei corajoso, vamos embora."

E foram, conseguiram, deu tudo certo.

Outra vez, mais velho, mas ainda vereador, Vino foi sorteado para uma viagem à Europa, organizada por uma certa Associação de Vereadores. Tudo era pago, ele topou. Foi. Nunca tinha saído mais longe de 50 km do Meio. Mas foi, um deslumbramento!

Quando o grupo estava visitando Versalhes, debaixo de uma garoinha fria, não agüentou e resolveu estrear o celular que tinham arrumado para cada viajante. E ligou para o filho.

-“Vininho, tô aqui num castelo, mas tem um jardim, um desmazelo, dá pra ponhá aqui mais de 100 vacas, precisava de vê. E ocê, como é que vai, tá tudo bem aí no sitio?”

E o filho: - “Tá sim pai, tudo bem, mas agora tá chovendo...”

-“Ah é? então é geral!” Eta geografia!!!

Na volta, perguntado sobre o que mais o impressionara na viagem, o Vito, perdido, não se deu por achado:

- “Acho que foi a tourada que vi lá em Antenas, na Holanda” ...

E quando o chefe da delegação de Vereadores lhe perguntou se o rio do Meio continuava piscoso, ele pensou, pensou e disse:

-“Bom, quando chove, pisca bem” ...